

As Aulas Assistidas

É um tema que está a gerar muita discussão e controvérsia nas escolas, nos dias que correm!

Com efeito, ninguém gosta de estar sujeito à avaliação dos outros, colegas ou não.

Na aula assistida, o professor lecciona matéria a uma das suas turmas, com a presença de um ou vários professores observadores, geralmente sentados ao fundo da sala, presumidamente com o objectivo de não perturbar o normal funcionamento da aula.

Eu digo que é ‘presumidamente’ porque, na verdade, o observador é alguém que geralmente não está naquela aula e, ainda por cima, tem uma função bem definida – avaliar o nosso trabalho! De onde se conclui, naturalmente, que o observador perturba sempre alguma coisa!

Na verdade, não há ninguém que consiga ficar completamente indiferente à presença de uma pessoa, colega ou não, que nós sabemos que, após aquela aula, ou aulas, nos vai avaliar e atribuir uma classificação pelo trabalho desempenhado! Ninguém!

Com efeito, sabemos que **numa situação de aula assistida pode ocorrer muita coisa**, nomeadamente:

1. Aquela aula, em particular, pode correr-nos mal, porque estamos mal-dispostos, porque a matéria não ajuda muito, porque os alunos não colaboram positivamente, porque o vídeoprojector ou o retroprojector avariou, etc., etc..
2. O colega que nos vai avaliar não se dá bem connosco, o que nos deixa intranquilos e, como tal, com boa probabilidade de a aula correr mal.
3. Naquela turma, temos um ou mais alunos que não são de confiança e podem estragar a aula.
4. A nossa auto-estima está em baixo e, como tal, não nos sentimos muito à vontade para sermos observados, avaliados.
5. A classificação que nos for dada pode ser muito importante para nós, o que nos deixa ansiosos.

Muitas mais ocorrências poderíamos aqui referir. Isto é, as razões para não gostarmos das avaliações são muitas e cada um saberá das suas!

Nas circunstâncias actuais, em que as mudanças de escalão são mais complicadas, ainda maior é a razão para que o professor fique preocupado, ansioso, stressado com estas aulas!

À parte esta carga emocional associada à avaliação, não tenho dúvidas nenhuma de que **a aula assistida é de enorme valor pedagógico**, contribuindo bastante para a formação global do professor!

Na minha experiência como professor, fui assistido e assisti a variadíssimas aulas de colegas, durante a minha Profissionalização Em Exercício (de dois anos) em 1980-1982, no grupo de Electrotecnia/Electrónica, em Almada. Éramos sete professores envolvidos, seis em formação e o orientador de estágio que era, simultaneamente, o delegado de grupo. Todos tivemos que assistir, e sermos assistidos, às aulas de cada um, incluindo o orientador de estágio. As primeiras aulas foram, de facto, mais difíceis, porque não

estávamos habituados, mas progressivamente fomos tranquilizando e ao fim de muito poucas aulas já leccionávamos naturalmente, como se o colega ou colegas já lá não estivessem. Cada colega observador tirava as suas notas que escrevia numa ficha de observação estruturada ou de preenchimento livre; acabada a aula, ou logo que possível, cada observador indicava os aspectos positivos e os aspectos negativos observados na aula, aos quais nós reagíamos criticamente, sendo que muitas das vezes fazíamos-lo de uma forma incrédula, por não corresponder à nossa autoavaliação.

As primeiras críticas que os colegas nos faziam eram, evidentemente, quase que um choque para nós, por não ser prática habitual a observação crítica das nossas aulas. Claro que esta nossa reacção epidérmica desaparecia progressivamente visto que passávamos também para o papel de observadores e os colegas para o de observados. E é assim que deve ser, não só porque todos aprendemos com os outros, mas também porque assim se retira parte da carga emocional associada a este tipo de aulas.

Aquilo que posso dizer, a esta distância, é que foram aulas muito enriquecedoras, que nos permitiram melhorar atitudes, comportamentos, tiques, falhas pedagógicas, etc., de que não nos apercebíamos.

Na verdade, nós não conseguimos ser, simultaneamente, observadores e observados; isto é, **não temos essa capacidade de nos observarmos a nós próprios**, exteriormente. Só temos um cérebro. Temos tiques de que não nos apercebemos e que podem prejudicar a aula, temos comportamentos que podem ser corrigidos, temos reacções inconscientes que não ajudam, temos falhas pedagógicas que podem ser corrigidas com a ajuda de quem observa criticamente, temos falhas científicas de que nunca nos apercebemos, às vezes durante décadas!

Daí **a importância de ser outro**, à distância, **a observar o que nós fazemos**, passo-a-passo: os gestos, as atitudes, o tom de voz, a postura, os tiques, a empatia com os alunos, a clareza da exposição, a terminologia e vocabulário utilizados, o empenho, a velocidade com que falamos, as pausas efectuadas para a assimilação e reflexão por parte dos alunos, a estratégia e os meios utilizados para motivar os alunos, a preocupação em perguntar aos alunos se estão a perceber (mesmo!) a explicação, as perguntas que fazemos aos alunos, as respostas que damos às questões postas por alunos, a ligação que fazemos com as matérias anteriores, os exemplos práticos que damos, as analogias que fazemos, a capacidade que temos de resolver problemas inesperados, a capacidade de resolver conflitos, a forma como os alunos reagem à exposição do professor, a atenção dos alunos à exposição do professor, a participação dos alunos, as condições da sala, enfim, um sem número de questões que podem ser observadas por um observador atento, perspicaz e um bom avaliador.

Só tenho a dizer que é **uma actividade muito aliciante, esta de observar o outro, enriquecendo-nos a nós observadores, e obviamente também ao observado!**

O mais experiente de nós pode ter diferentes falhas, diferentes deficiências. Podemos sempre aprender algo com qualquer um. Qualquer colega, por menos experiente que seja, pode ensinar-nos algo. É necessário, por isso, que sejamos humildes para reconhecermos que não sabemos tudo, que erramos, que temos defeitos e que, podemos, e devemos, corrigi-los.

As aulas assistidas podem, portanto, ser um elemento muito importante para a formação do professor e contribuir, por isso, para a melhoria da leccionação e, portanto, da aprendizagem do aluno, conseqüentemente do seu sucesso.

É preciso, no entanto, **que estas aulas sejam despidas, o mais possível, da enorme carga emocional que lhes está muitas vezes associada** e que todos, avaliadores e avaliados, queiram utilizá-las no bom sentido – melhorar a formação dos professores e contribuir para o sucesso dos alunos. Também entendo que deve simplificar-se o mais possível a componente burocrática da avaliação, deixando apenas aquilo que for fundamental para a correcta formação do professor.

Se as **aulas assistidas** tiverem como principal objectivo classificar os professores, para dar cumprimento ao preenchimento das quotas estabelecidas para as mudanças de escalão, então estará a perder-se a sua principal **função**, que é **eminente formativa**.

Espero que os avaliadores reconheçam humildemente a **importância destas aulas assistidas**, reconheçam a sua principal função e que elas **sirvam como elemento de união entre professores, e não de divisão!**

Portela, 15 de Maio de 2008

José Vagos Carreira Matias

www.josematias.pt